



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro Internacional -
Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

Meditação 19 de Julho

“Já não sou digno de ser chamado teu filho”

A parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32), ou do Pai misericordioso como outros lhe preferem chamar, lança uma luz curiosa sobre este grande laboratório de vida e de construção que é a família. De facto, nenhuma família permanece estática todo o tempo. E isso porque a família não é uma ideia, mas tem o dinamismo concreto e irrequieto da experiência. A família não fica congelada numa imagem: ela vive a desenhar-se e a reconfigurar-se permanentemente. Pensemos, por exemplo, na nossa. Quantos tempos diferentes já vivemos juntos, quantas fases e estações temos partilhado! Fases boas e difíceis; estações límpidas cheias de entusiasmo e invernos exigentes; tempos em que nos vimos todos a nascer e momentos feridos em que nos sentimos a ser provados na fé e na verdade do amor. É verdade que o infinito que nos cabe viver é muitas vezes um infinito frágil, mas isso não o torna menos belo.

As próprias crises fazem parte do percurso do amor e, se trazem consigo turbulência e sofrimento, também constituem oportunidades para mergulhar mais profundamente na sua realidade. O importante é não desanimar. O importante é não confundir a etapa com a totalidade do caminho. Quando vividas em casal e em família até as experiências de crise se podem tornar experiências de reforço do projeto comum. Elas dão-nos acesso a dimensões da vida que, porventura, não tínhamos ainda tocado. O que não é difícil de acontecer, diga-se. Recordemos o relato das origens, narrado no livro do Génesis. Quando Deus pergunta ao homem «onde estás?», ele responde: «Ouvi a tua voz no jardim e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu» (Gen 3:9-10). De facto, nós escondemos a nossa nudez mesmo daqueles que mais nos amam. Tememos escancarar a nossa vulnerabilidade e fechamo-nos dentro de uma concha. Porém, é no olhar daqueles que nos amam que poderemos encontrar esperança para visitar os nossos entraves, limites e contradições, e buscar novas forças. Muitas vezes são as crises que possibilitam que se escute a vida para lá da aparência e se contacte com a sede que se aloja dentro de nós.

Penso, por isso, que uma viragem se opera quando aceitamos perceber que todos somos vulneráveis. É fácil reproduzir um esquema dialético e esquecer que o outro também é atravessado pelo sofrimento. Um necessário caminho é reconhecer que naqueles que nos ferem (ou feriram) há também bloqueios e mazelas. Se não nos amaram como desejávamos, não foi necessariamente por um ato deliberado, mas por uma história porventura ainda mais sufocante do que a nossa. Não se trata de desculpabilização, mas de reconhecer que no outro existe alguém provado pelo limite.



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro Internacional -
Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

E que a ferida agora acesa não se destinava a mim especificamente: era um magma de sofrimento interior à deriva, à beira de estalar.

A parábola do filho pródigo recorda às famílias que todos precisamos de perdão. E precisamos de pedi-lo abertamente como ele o faz. Numa das suas audiências de quarta-feira, o Papa Francisco falou de três palavras que considera serem «as três palavras-chave da família»: «com licença», «obrigado» e «desculpa». Palavras certamente simples, mas difíceis de colocar em prática. Sobre esta última, o Santo Padre explicou: «quando ela falta, pequenas fendas alargam-se — mesmo sem querer — até se tornar fossos profundos. (...) Reconhecer que erramos e desejar restituir o que tiramos — respeito, sinceridade, amor — torna-nos dignos do perdão. É assim que se impede a infeção. Se não soubermos pedir desculpa, quer dizer que também não seremos capazes de perdoar. Num lar onde as pessoas não pedem desculpa começa a faltar o ar, e a água estagna-se. Muitas feridas dos afetos, muitas dilacerações nas famílias começam com a perda deste vocábulo precioso: «Desculpa». Na vida matrimonial muitas vezes há desacordos... e chegam a «voar pratos», mas dou-vos um conselho: nunca termineis o dia sem fazer as pazes. Ouvi bem: esposa e esposo, brigastes? Filhos e pais, entrastes em forte desacordo? Não está bem, mas o problema não é esse. O problema é quando este sentimento persiste inclusive no dia seguinte». Graças a Deus, para a maior parte das coisas, basta apenas um «desculpa», um piscar de olho, um sorriso ou uma carícia. Mas também acontecem situações mais complexas como aquela que na parábola aparece traduzida na frase: «já não sou digno de ser chamado teu filho». O pródigo dissipou a herança da pior maneira, relativizou os laços de amor verdadeiro em troca de sucedâneos fúteis... São golpes impossíveis de esquecer. Ora, muitas vezes ouvimos a pergunta: como é possível perdoar se não consigo esquecer? As feridas tocaram tal profundidade do nosso ser que, ainda que o desejemos muito, não conseguimos cancelar essas experiências da nossa memória. Mas a pergunta que associa o perdão ao esquecimento precisa de ser desconstruída. O esquecimento não é condição para o perdão. Podemos perdoar mesmo aquilo que não pode ser esquecido. O que é o perdão, então? O perdão é um ato unilateral de amor. É dar ao outro não o que ele mereceria pelo que praticou, mas aquilo que está no coração de Deus. E agindo assim, aos poucos perceberemos que já estamos livres, já estamos desprendidos, já não estamos agarrados a um mal que aconteceu. O nosso coração não tem de ser um mar gelado e implacável. A vida familiar está prometida a reflorescimento, a uma revitalização. Os nossos olhos enamorados nasceram para avistar não a cinza dos crepúsculos, mas os novos céus e a nova terra.